

**LUGAR OU LUGARES? A PRODUÇÃO DISCURSIVA DE
UM BAIRRO METROPOLITANO: BENFICA
(FORTALEZA-CE)**

**PLACE OR PLACES? THE DISCURSIVE PRODUCTION
OF A METROPOLITAN DISTRICT: BENFICA
(FORTALEZA – CE)**

**LIEU OU LIEUX? LA PRODUCTION DISCURSIVE D'UN
QUARTIER METROPOLITAIN: BENFICA (FORTALEZA-
CE)**

Prof^ª. Ms. Ilaina Damasceno Pereira
Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri
Rua Coronel Antônio Luis Pimenta
CEP: 63105-000 - Crato, CE - Brasil
E-mail: ilionp@yahoo.com.br

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira
Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará
Campus do Pici - Bloco 911
CEP: 60455-760 - Fortaleza, CE - Brasil
Email: cdmo49@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo realiza uma leitura sobre os significados atribuídos ao bairro do Benfica, em Fortaleza-Ceará, a fim de demonstrar que, em contextos metropolitanos, as unidades espaciais por eles representadas podem possuir diferentes sentidos atribuídos pelos sujeitos que dele se apropriam. Inserindo-se nas discussões teóricas da geografia cultural, através do exame das relações de poder e da produção de sentidos no cotidiano, a investigação demonstra que ao falar sobre um bairro sujeitos constroem cadeias de significações onde elementos semelhantes são utilizados para construir diferentes representações do lugar. Este como espaço de ação imediata é compreendido pela força da construção discursiva. Por isso, torna-se detentor de diferentes lugares expressos nas falas e, conseqüentemente, nas vivências dos sujeitos.



Palavras-Chave: Bairro, Lugar, Representação, Discurso, Metr pole.

ABSTRACT

This article presents a reading of the meanings attributed to the neighborhood of Benfica, Fortaleza, Ceara, in order to demonstrate that in metropolitan contexts, spatial units represented by them can have different meanings attributed by individuals who ap. Being part of the theoretical discussions of cultural geography through an examination of power relations and the production of meaning in daily life, research shows that when talking about a subject neighborhood build signification network in which similar elements are used to construct different representations of the place . This as an area of immediate action is understood by the power of discourse. Therefore, it is holder of various places expressed in the statements and thus the experiences of the subjects.

Keywords: Neighborhood, Place, Representation, Address, Metropolis

RESUME

L'article présente des significations attribuées pour plusieurs acteurs au quartier Benfica, situé, dans des contextes métropolitains, au centre du Fortaleza- Ceará, Brésil. Il veut démontrer que les unités spatiales représentées, peuvent avoir différentes significations attribuées par des personnes qui se l'approprient. La recherche a été développée sous les dicussions théoriques de la geographies culturelle et montre que les sujets de cet quartier ils construisent chaînes de significations dans lequel quelques éléments similaires sont utilisés pour construire des différentes représentations du lieu. Le lieu c' st comme un domaine d'action immédiate et est entendu par la force de construction discursive. De cette façon le lieu devient titulaire de plusieurs lieux d'abord des plusiers descriptions, expériences et perceptions.

Mots-cl : Quartier, Lieu, Repr sentation, Discours, M tropole.

I INTRODU O

Os bairros caracterizam-se pela singularidade. Não há, dentro de uma cidade, dois bairros iguais. Estes se definem por suas particularidades resultantes de fatores ambientais, sociais, culturais e



históricos. Privilegiar a dimensão cultural e simbólica, através das construções discursivas de seus habitantes, não implica esquecer as outras dimensões que compõem o bairro. Significa reconhecer o caráter estruturante dos discursos e das representações públicas e cotidianas produzidas por diferentes sujeitos.

A construção dos significados partilhados por uma população decorre de processos de interação social, confrontos e negociações entre práticas sociais e visões de mundo distintas presentes no próprio bairro. Tais processos são muito complexos e contribuem para a construção de uma ordem simbólica historicamente contextualizada.

Observar um bairro, através dos momentos em que seus moradores e freqüentadores se encontram é um instigante ponto de partida para compreensão de seus processos de construção discursiva como lugar metropolitano. O bairro Benfica, coligado a área central de Fortaleza¹, configura um bom exemplo de como essa construção é tecida. Pode-se acompanhar o processo de representação pela associação de narrativas, a partir de performances lúdicas que lhe atribuem às características de cultural, tradicional e espaço da liberdade.

O Benfica, em Fortaleza-CE, é construído como lugar polifônico e dialógico. Nele múltiplas vozes se cruzam a fim de construir seu significado no contexto urbano. Há múltiplos sujeitos situados, social e culturalmente, construindo interpretações que dialogam entre si e formam a definição deste como bairro da capital cearense.

Como destacam Cordeiro e Costa (1999), os bairros são reais e imaginados. Como lugares específicos da cidade, possuem uma prática social cotidiana de etnografia peculiar. Ao questioná-la podemos demonstrar sua construção discursiva e as cadeias de significação interativas de sujeitos e objetos descritos em suas narrativas. Evidenciando assim que o lugar, como lócus de características pitorescas, é formado por um conjunto mais amplo de relações originadas no diálogo e na multiplicidade de vozes. As mesmas que buscam definir como o lugar é e, conseqüentemente, como é estar nele.

Indaga-se então: Como os sentidos atribuídos ao bairro são vividos pelas pessoas? Quais relações de força estão envolvidas na



atribuição de sentido? O que é necessário para imprimir sentido a essa porção do espaço? E de que forma tal *impressão* manifesta-se?

No intuito de debater e responder as questões levantadas, o artigo segue um roteiro de análise para uma exposição mais sistemáticas das idéias. Inicialmente, busca conceituar *lugar* como construção discursiva e, concomitantemente, apresentar características do Benfica em Fortaleza. Depois questiona como é possível analisar o lugar fixado nesta mesma construção, destacando o modo de interpretação proposto. Por fim, a reflexão encaminha-se na direção dos conflitos simbólicos acerca do que o bairro representa para cada sujeito, explorando situações nas quais estes sujeitos, como atores diferentes, se encontram.

II LUGAR OU LUGARES? EXISTÊNCIA E DISCURSO NA ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS

A interpretação de lugares em contextos metropolitanos exige, atualmente, a capacidade de considerar a constituição de sentidos como algo relacional e contraditório. Sobretudo, como um empreendimento social. É necessário pensarmos como as pessoas vivem os lugares que habitam e como constroem para eles sentidos expressos em atos, gestos e, principalmente, narrativas. Não que o discurso possa substituir a relação direta das pessoas com os lugares, mas através da fala expressamos as cadeias de significação que construímos para dar sentido aos lugares que vivemos.

O senso de lugar das pessoas, num período de *desencaixe* espaço-temporal, se constitui de forma relacional, conectando as vivências num local específico e as relações mais amplas, econômicas, políticas e sociais, estabelecidas com o mundo, tornando-o mais um processo dinâmico que um lócus singular. O lugar, assim, passa a ser composto por três características: é processual; não possui divisões demarcatórias e; não tem identidades únicas e singulares. Massey (2000, p. 183) acrescenta: “Se se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer a mesma coisa dos lugares. Ademais, essas identidades múltiplas podem ser uma fonte de riqueza ou de conflito, ou de ambos”.

Oakes (1997, p. 510) corrobora com esta definição e destaca que as relações estabelecidas pelos sujeitos “... fazem o lugar ser mais uma rede dinâmica do que uma localização ou sítio específico”. O



autor destaca ainda a relevância do sujeito para esse lugar já que só pessoas estabelecem relações sociais; e através dessas que o lugar, por ele interpretado, toma forma. Por isso, o autor radicaliza sua concepção sobre a não necessidade de demarcação territorial, afirmando que a batalha das pessoas é para significarem seus lugares tendo por base, apenas, suas próprias crenças.

Ferreira (2000), partindo dessa mesma perspectiva, ressalta que os lugares não podem ser interpretados como frutos da luta contra a homogeneização imposta pela globalização. Considera incessantes as disputas estabelecidas pelos sujeitos para construir suas próprias espacialidades; e para imprimirem seus próprios sentidos de lugar.

Este lugar “de disputas” envolve a materialidade do espaço e um sistema de significados que dá sentido ao lugar, tornando-o parte de uma prática discursiva. Nele sempre se fala de arranjos com poder discursivos e simbólicos; pois nossas condutas em relação ao lugar são reguladas e influenciadas pelos significados com os quais nos posicionamos.

Assim, o lugar deve ser considerado produto de uma inter-relação de forças econômicas, políticas, históricas, sociais, além de definir o sentido do espaço. O lugar é uma “luta para nos colocarmos como sujeitos da história e da espacialidade”. É um meio de afirmar quais as posições assumidas pelas pessoas ao identificá-lo e se identificarem nele, tornando-o discursivo (FERREIRA, 2000, p. 80).

Observa-se, portanto, que este lugar discursivamente constituído conecta tanto as relações políticas e econômicas globais, quanto às experiências imediatas das pessoas na vida cotidiana. Por isso, mantém as proposições de Heidegger e Merleau-Ponty², acerca da experiência humana de espaço. Porquanto, homens e mulheres percebem o mundo com todos os seus sentidos construindo uma relação intersubjetiva³ com os lugares que habitam, destacando que corpo e cultura são constituídos nas relações sociais de poder. Daí, o lugar presenciar-se um conjunto complexo e simbólico de fenômenos, acessíveis de serem analisados a partir da experiência individual e coletiva.

Desta forma, não se tenta obter a posse da materialidade do espaço, nem a delimitação de áreas de atuação de um grupo. A disputa é para definir o significado daquele, tornando-o, assim, lugar



(FERREIRA, 2000). O significado, nesta interpretação, é definido num campo de forças produzido pelos embates entre diferentes sujeitos. Nestes, cada um participa do jogo de atribuição de valores e tenta constituir seu próprio lugar.

O lugar torna-se um discurso sobre o espaço. Destaca-se a incerteza do sentido dos lugares, revelando o fator humano como preponderante à análise. O campo de forças que gera os significados é volátil e pode se modificar a cada situação, sem alterações nas estruturas físicas do espaço. Dar sentido, portanto, é disputar com outros agrupamentos e sujeitos o valor que se atribui aos lugares; é definir um lugar e quais relações podem ser estabelecidas nele.

Essa proposta facilita a interpretação do lugar em espaços metropolitanos, onde a diversidade de experiências de vida dos atores sociais e a coexistência dos mesmos criam campos de forças que se articulam na construção dos sentidos. Essa perspectiva, também, considera que o lugar não possui uma identidade única, pois os sujeitos o vivenciam com suas identificações, imprimindo valores condizentes às posições discursivas que recrutam.

As metrópoles vivem interações constantes entre global-local, moderno-tradicional. Um “verdadeiro” e um “falso”, simultâneos, que as tornam “centro” por excelência. Ali tais lugares discursivos se revelam, porquanto os sujeitos presentes nas grandes cidades têm acesso a uma variedade de discursos apontando diferentes identificações, com as quais podem aderir ou negar.

A multiplicidade de identificações possíveis em contextos metropolitanos indica que as relações que os lugares estabelecem com o mundo são essenciais no jogo de significados onde qualquer pessoa pode se encontrar. Assim, mesmo que Buttimer⁴ tenha em mente outro contexto para sua colocação podemos interpretar através dela que toda identificação constrói para si um lugar, seu local de repouso e de reconhecimento, o que se pode chamar de “enraizamento dinâmico”⁵ já que o sujeito e lugar estão em processo.

De acordo Oakes (1997), o lugar apresenta realidades incompatíveis em si mesmo, ele não é o fruto de um longo processo de diferenciação, mas se constitui nas relações que os sujeitos estabelecem entre si e com o mundo. Sua proposta sugere que os lugares devem ser vistos como instáveis formados por paradoxos e contradições onde a subjetividade que dá sentido aos mesmos é constituída por forças de abstração e de objetivação.



As formas como os lugares são descritos pelos sujeitos contêm as relações que o produzem. Eles não são interpretados como sinônimos de comunidade, nem uma porção menor da região ou do espaço. Eles são espaços com significado, produto da relação direta das pessoas com o meio e das relações de produção, já que todo sujeito é fruto de um discurso que o faz ver no espaço elementos inerentes às contradições vividas diariamente.

III LUGAR E DISCURSO: UMA COMBINAÇÃO POSSÍVEL

Compreender o lugar como uma construção na qual se estabelecem relações de forças entre diferentes discursos, é considerar a existência de incessantes disputas para imposição de sentido. Assim, os elementos discursivos são essenciais para a compreensão do lugar como produto relacional, admitindo-se a possibilidade constante de trocas e inversões. Para Foucault (1985, p. 95), “...não se deve admitir um mundo do discurso dividido, admitido e o discurso excluído, ou entre discurso dominante e dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes”.

O poder exercido para a definição do lugar constitui um conjunto de posições estratégicas tomadas pelos dominantes que têm seus efeitos reconduzidos pelos dominados; sendo, portanto, o modo de ação de uns sobre outros, uma ação agindo sobre outra ação, restringindo a existência do poder ao seu exercício. Ainda em Foucault (1995) por toda relação se articular no jogo de dois elementos, como relação de poder, o outro deve ser mantido até o final como sujeito de ação.

As regras da analítica do poder⁶ de Foucault (1985) fornecem um quadro avaliativo favorável à contextualização da análise dos sentidos atribuídos ao lugar, pois estes não surgem como uma ação isenta na vida social e ocorrem frente às estruturas de poder. Todos os sujeitos presentes no lugar atribuem-no significado e é nesse campo de significações que se constrói o sentido global. Depois, não se deve procurar quem tem o poder, mas como os significados do lugar são modificados na correlação de forças. Também não se deve pensar em níveis de significação, mas como os “diferentes” se associam. E finalmente o sentido geral do lugar é polivalente, a



medida que associa características de diversos significados atribuídos pelos grupos nele presentes.

As regras apontadas por Foucault (1985) podem, ainda, ser vinculadas ao conceito de prática discursiva de Bakhtin (1999). Sua definição a destaca como a linguagem em uso pelos sujeitos são momentos de ressignificação onde sentidos são construídos no cotidiano, subvertendo e misturando discursos antes considerados inconciliáveis. Narrativas, conversas, textos impressos, etc. são momentos nos quais convivem, na linguagem, ordem e diversidade. Ou seja, o discurso institucionalizado é a possibilidade de inverter, subverter e misturar elementos de discursos diferentes.

De acordo com Spink (2004, 45), no cotidiano o sentido é produzido pelos repertórios interpretativos que os sujeitos dispõem, mas “é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos”. São nas construções inesperadas em contextos específicos que os sujeitos refletem sobre temas antes sem importância, produzindo sentidos e se posicionando nas relações sociais cotidianas. A autora ainda destaca que o sentido atribuído é um diálogo contínuo entre sentidos novos e antigos. Portanto, a pesquisa sobre produção de sentidos é “um empreendimento sócio-histórico e exige o esforço transdisciplinar de aproximação ao contexto cultural e social em que se inscreve um determinado fenômeno social” (p. 53). Assim, o sentido é uma construção social onde as pessoas constroem termos a partir dos quais lidam com situações da vida cotidiana e significam as coisas a sua volta.

Para Foucault (1980) a linguagem não é literal; ela transmite um significado que está por baixo, no entanto, não é um significado menor e protegido, pois é acima que a profundidade se anuncia e se revela. Esta é um segredo da superfície descoberto a partir das relações sociais. De acordo com o autor, a linha descendente de interpretação restituirá sempre a exterioridade das relações que foram enterradas sobre o jogo do significado que está por baixo.

As falas evidenciam que o Benfica possui para os sujeitos que dele se apropriam um sentido atrelado à biografia, às experiências de vida, às expectativas e à cultura que os sujeitos carregam consigo (TUAN, 1985). Assim, o sentido surge no contexto de uma interação social concreta, pois a vida envolve negociação de sentidos dentro de grupos e entre grupos (CORREA, 2003), os quais através de formas



simbólicas, objetivadas por imagens, instituições ou narrativas se representam para si e para os outros.

Com isso se quer colocar que o lugar como construção discursiva será interpretado como fruto de relações sociais expressas nas falas dos sujeitos, as quais também podem revelar coexistência de sentidos e, portanto, o dialogismo inerente a qualquer voz. Nas falas acredita-se são atribuídos sentidos ao lugar. Dessa forma, este não é um fato, mas uma negociação de significados entre sujeitos e, por isso, destaca-se as relações estabelecidas entre eles e suas experiências no lugar.

O bairro deve ser compreendido como portador de aspectos de conflito e transformação, bem como aspectos de repetição, reprodução e consenso através dos quais os sentidos são estabelecidos e validados. Cada sentido representa relações de sujeitos com o mundo.

Para verificar a atribuição de sentidos ao Benfica, no cotidiano, optou-se pela realização de entrevistas abertas em situações consideradas parte da *tradicionalidade* do local⁷; e, segundo, por serem conjunturas inusitadas para a realização de entrevistas; permitindo construções discursivas nas quais prevalece o repertório do sujeito, histórica e culturalmente situado, tendo por base sua *experiência* no lugar.

IV O BENFICA E SEUS LUGARES: O BAIRRO COMO PRÁTICA DISCURSIVA

Como *campo de forças*, o lugar é um momento produzido na articulação das diferenças; e esta deve ser entendida como uma negociação complexa, processual, cujos embates podem ser consensuais e conflituosos. O bairro, entendido como o local da negociação de sentidos e de significados, pode ser considerado uma mediação; onde reconhecimento e estranhamento se relacionam, ininterruptamente, lançando um momento onde os jogos simbólicos são intensificados, produzindo um espaço que não é nem um nem outro, mas a interseção.

Agier (1998) ressalta que os bairros não podem mais serem vistos como lugares antropológicos tradicionais, onde há uma ligação direta entre espaço, sociedade, cultura e indivíduo. Para pensar a



cidade de forma global e atender a sua heterogeneidade é necessário romper com esta noção e interpretá-lo através das relações. Segundo o autor, o sujeito surge como o centro da problemática e das respostas, informando acerca das identidades de lugar, das sociabilidades como base do apego aos lugares urbanos e da reprodução e reinvenção de relações no espaço heterogêneo da cidade.

Assim, os elementos caracterizadores dos bairros não são frutos de uma relação longa e internalizada de um grupo particular com uma determinada porção do espaço. Eles resultam de correlações de forças entre os sujeitos para tornarem essa porção do espaço urbano lugar, ou seja, uma área na cidade onde os mesmos se reconheçam e a reconheçam como parte de suas existências.

A principal característica atribuída pelos periódicos locais⁸ ao Benfica é o de ser um dos bairros mais tradicionais da cidade de Fortaleza, constituindo sobre este um discurso de guardião da história da cidade em nível arquitetônico e nas práticas cotidianas de seus moradores que manteriam uma sociabilidade semelhante à estabelecida em comunidades rurais. Esse discurso apesar de estar presente na maioria das falas acerca do bairro é re-significado no cotidiano, pois sujeitos ao construírem cadeias de significações podem utilizar o mesmo repertório, mas produzirem sentidos diferentes para o lugar, algo observável nas práticas do dia-a-dia.

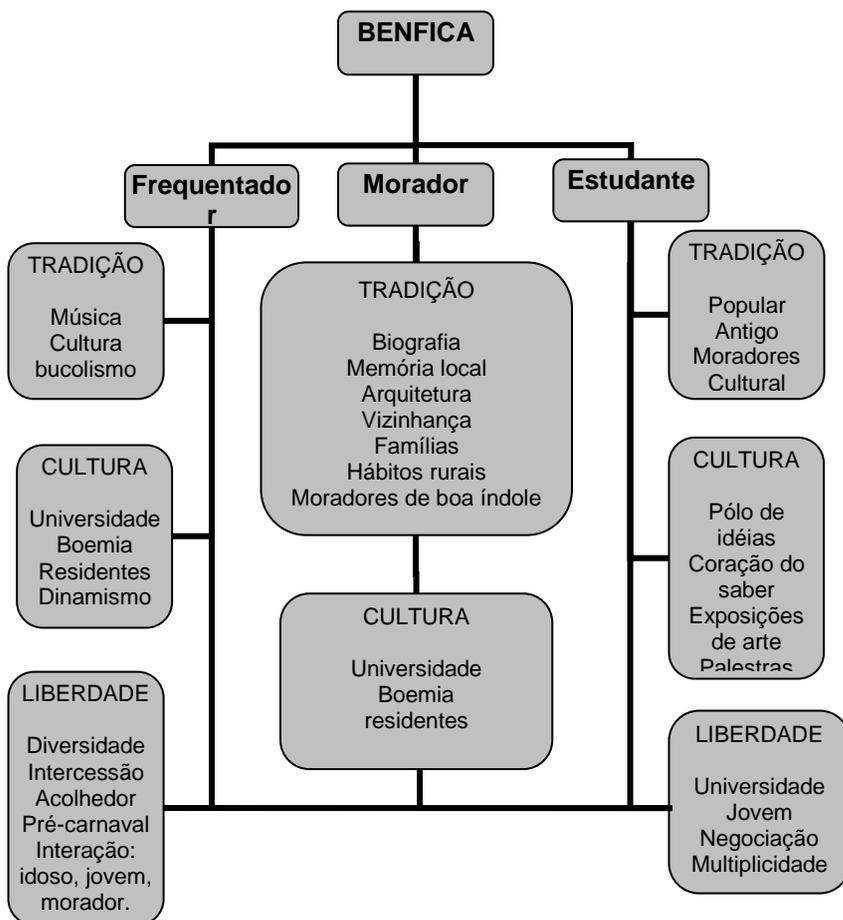
As narrativas sobre o Benfica apresentaram um padrão quanto aos elementos destacados. Mesmo para sujeitos diferentes houve uma regularidade nas palavras eleitas para descrever o bairro. *Tradicional, cultural, familiar e espaço de liberdade* apareceram constantemente nas narrativas acerca do que o Benfica representa na cidade de Fortaleza.

Pode-se afirmar que não há oposições binárias entre os sujeitos, pois muitos possuem dupla condição, sendo concomitantemente, moradores e estudantes, freqüentadores e ex-moradores ou freqüentadores e ex-estudantes. O que diferencia as narrativas é a ênfase atribuída a cada elemento e, desta forma, ser morador, freqüentador ou estudante representa a posição assumida no ato da fala.

Assim, pode-se construir um quadro de análise no qual a ordem de apresentação dos elementos refere-se à ênfase dada aos mesmos na cadeia de significação. Ali se percebe as relações entre os diferentes, bem como, as reciprocidades entre as construções.



Quadro 01 – Cadeia de significação na atribuição de sentidos ao Benfica no cotidiano.



O Benfica apresenta no contexto da metrópole elementos que permitem pensá-lo como um lugar plural, já que nele é possível entrever sujeitos diferentes que constroem seus lugares num lócus comum. O bairro apresenta três momentos distintos até sua configuração atual, tanto em termos de localização⁹ na cidade quanto dos sujeitos nele presentes.

Este bairro constituiu-se no final do século XIX como área verde, onde as elites da cidade refugiavam-se nos finais de semana a fim de estarem em contato com a natureza. Com a expansão da cidade, a área é incorporada e, até a década de 1940, o local constitui-se tanto por residentes de alto padrão quanto por vilas destinadas a profissionais liberais. Em 1956 a instalação da Universidade Federal do Ceará – UFC - passa a ser o elemento diferenciador do local. Mudança que não agrada a todos os moradores tendo em vista que o novo elemento poderia transformar a característica familiar do bairro. Na década de 1990, com a Universidade (UFC) consolidada e a coexistência entre as características residencial e universitária, tem-se a apropriação de locais, sobretudo das praças do bairro, pelo público GLBT¹⁰.

De forma abreviada, a história do Benfica é assim apresentada, dizendo, entretanto, pouco sobre o mesmo. Contudo quando se ouvem as narrativas dos sujeitos que nele constituem seus espaços vividos, percebe-se que essas três fases são acionadas a fim de definir o que o bairro representa para cada um, produzindo lugares que se relacionam com as experiências de vida dos sujeitos.

Abaixo, destacam-se quatro falas onde sujeitos atribuem sentidos ao Benfica. Estes constituídos pelo repertório oferecido pelo discurso dominante sobre o bairro, mas como destaca Certeau (1999) falar é uma dupla ação, pois consiste em pensar e fazer, logo mesmo valendo-se de elementos do discurso dominante há misturas, inversões e invenções.

O Benfica é tradicional por causa dos moradores e da universidade... antes o Benfica era um bairro totalmente residencial, tinha umas bodeguinhas aqui outras ali, mas com a vinda da universidade ele se tornou um bairro artístico e cultural, ele se tornou um bairro elitizado. Muitos moradores daqui quando surgiu a Aldeota migraram para lá, pelo menos os que tinham um poder aquisitivo melhor. É um bairro antigo.
Você pôde acompanhar mudanças nos hábitos das pessoas?
Houve mudança no hábito de pessoas, mas não são moradoras do Benfica, eu chamo de



flutuantes por que elas vêm e vão embora depois. Não são do Benfica.

Os moradores participaram das mudanças trazidas pela universidade?

Foi bom para os moradores porque o Benfica se tornou um bairro cultural, um bairro universitário, além da boêmia dos estudantes que acabam convivendo muito com os moradores, porque surgiram mais barzinhos. Surgiram outras manifestações como os reisados que na época nós fazíamos artesanalmente. Aqui continua sendo um bairro muito residencial e muito simples, aqui havia muito espaço sem construção, onde era uma praça, hoje tem um monte de casas. Qual a principal característica do bairro?

A universidade.

Por que você elegeu a Universidade?

Os estudantes sempre foram muito participativos... Aumentou o número de bares, por causa do lazer, no final de semana sempre tem alguma coisa acontecendo. O bairro não mudou muito, porque as pessoas vêm, mas depois vão embora [1].

O Benfica tem milhões e milhões de tudo. O grande problema é que ninguém define e, principalmente, a galera aqui que tem uma idade entre 15 e 25 anos. Quem tem uns 20 ou 25 tem um conhecimento melhor, mas quem está chegando agora não conhece nada, mas eu acho que a praça funciona como um alvo as pessoas vem para cá e acabam conhecendo o verdadeiro valor do bairro, porque ele é muito antigo.

Você conhece a história do Benfica?

Conheço, mas não de forma aprofundada. Antigamente, era um bairro muito saudoso, ele foi considerado um dos bairros com maior atração popular.

Você lembra quando foi isso?

Na década de 70. Eu tenho um conhecimento sobre o bairro porque eu procurei saber alguma coisa, além do que a praça é. Eu sempre vejo que



há um ar meio jovem talvez pela presença da universidade. Esse aspecto universitário.

[...]

Por que você acha que isso acontece?

Justamente por ele ser um bairro da comunidade jovem sempre vir para cá, estudar ou fazer alguma outra coisa. Eu acho que ele dá vontade de você saber um pouco mais sobre ele. Quando eu cheguei aqui eu achei o bairro muito interessante, os bares, as pessoas que vão e vem independente do horário. Eu quis me estender um pouco mais em relação a isso [2].

O bar do Chaguinha é como um espelho do bairro, aqui dentro você tem aquela boemia gostosa que eu acho que tem no bairro todo. As vezes eu penso que posso encontrar uma vaca andando por essas ruas daqui. Eu ia achar lindo se visse. O bairro é muito bucólico [3].

O Chaguinha faz parte do Benfica como a universidade. É tradicional ele está ai há 50 anos, mas tem um bar mais antigo só que não funciona mais que era do Betão, é comum encontrar ele ai no Chaguinha. O bar é cultura, tem essa coisa de você vir e ter uma música, mas isso é por causa de quem vem aqui. Aluno, professor, funcionário, morador, gente de outros bairros é um ambiente sem igual. Eu estudei no Itapery, mas a gente vinha pra cá curtir o bairro [4].

As cadeias constituídas por cada um diferenciam-se pelas ênfases e redundâncias utilizadas para confirmar os sentidos atribuídos ao lugar, pois utilizando palavras semelhantes atribuem-se significados distintos. Em cada entrevista, respectivamente, enfatiza-se os seguintes elementos:

1) **Tradição:** Elemento sustentado pelos hábitos dos moradores e pela presença da Universidade, a qual possibilita ao Benfica o aspecto artístico cultural que tanto orgulha o entrevistado. No momento da fala, ele enfatiza a continuidade nas relações de sociabilidade dos moradores a fim de afirmar permanência e continuidade. Mesmo que a fala demonstre transformações trazidas



pela instalação da universidade no bairro. Observa-se certa incoerência nas afirmações realizadas, mudança e permanência são apontadas, simultaneamente, como aspectos do bairro, gerando, no processo de significação, deferimento e adiamento. Não possibilitam ao lugar uma identidade única, mas um processo de busca para melhor definir como é estar neste lugar;

2) **Multiplicidade cultural.** Elemento sustentado, sobretudo, pela característica tradicional do bairro e num segundo momento pela presença da universidade, produzindo um espaço de liberdade, invertendo a proposta da fala anterior; se a tradição antes era apresentada para demonstrar permanência agora é utilizada para proporcionar um espaço dialógico aberto ao novo e propiciador de encontros. Aqui se utiliza a tradição para definir o bairro como espaço da liberdade. Este elemento, que remeteria ao repetitivo, é chamado a significar a inovação caracterizada pela presença do grupo GLBT*TT. O que parece paradoxo, na fala ganha existência e é significado de tal forma que se é conduzido a pensar que a tradição no Benfica consiste na constante inovação e na capacidade deste, como unidade espacial ímpar, oferecer a cidade experiências de lugar sempre inovadoras e transgressoras;

3) **Boêmia.** Elemento ancorado na tradição local e na característica bucólica do bairro. A tradição aqui produz um local boêmio sustentado pelas características da vizinhança, as quais possibilitam a manutenção de um espaço de lazer na cidade onde todos se conhecem como em uma cidade do interior. Tradição como foco de lazer na metrópole baseado no consumo do espaço privado de bares; paradoxal, em certa medida, se pensarmos o uso do tempo livre, numa sociedade rural, como relações de vizinhança onde esta compõe uma grande família e, portanto, ninguém é levado a pagar para fazer parte do grupo. O narrador faz de sua fala algo coerente, coeso e sem emendas;

4) **Boêmia (tradição e inovação).** Elemento final amparado pela presença da universidade e pelo binômio cultura-tradição perpetuado pelos sujeitos presentes no bairro professores-alunos-moradores-funcionários. Aqui a bricolagem é ainda maior, pois cultura e tradição estão associadas de tal forma que não é possível pensar um elemento sem o outro, junção até certo ponto problemática já que a cultura atrela-se ao que a universidade oferece



como espaço do novo e a tradição às características de repetição. O narrador traz dois discursos distintos para fundamentar sua experiência de lugar e, por isso, constrói um espaço heterogêneo onde se pode perceber a terceira regra de análise do sentido do lugar. Regra, na qual, não se busca verificar a existência de significados mais relevantes ou explicativos, mas entender como eles relacionam-se.

Para moradores, estudantes e frequentadores tradicional, boêmio e cultural são adjetivos que significam o Benfica sem que haja necessidade de qualquer argumento para isso. Os agrupamentos têm esses sentidos sedimentados em suas formas de pensar e agir sobre o bairro, ainda que cada um enfatize mais um elemento ou outro. Por isso, é importante entender os sentidos do lugar como elementos possíveis de serem repensados no movimento. Nesse caso, na interação entre diferentes agrupamentos que, ao se relacionarem, podem repensar os sentidos que atribuem ao bairro.

Percebem-se a mudança e a permanência como elementos importantes para a compreensão dos sentidos atribuídos a um lugar. Se não é mais possível pensá-lo como o ponto onde um grupo estabelece por longos anos uma relação com o meio. E, através desta, produz um significado único e compartilhado por todos. Caso ainda seja necessário considerar a diversidade de atores presentes, para então avaliar como cada um significa o lugar, parece importante considerá-lo como uma pluralidade de significados. Ou mesmo compreender que o lugar é significado de forma particular por cada sujeito, tendo, assim, múltiplos sentidos (MASSEY, 2000).

Como se pode observar nas definições dos sujeitos sobre o Benfica, como *bairro* e *lugar*, este é definido pelas relações múltiplas e mutáveis, presentes e futuras. Ou mesmo pela incoerência que permeia a atribuição de sentidos. Para pensar o lugar como espaço do múltiplo é necessário compreendê-lo como algo não delimitado, não exclusivo em termos de relações, não definido em relação ao dentro e ao fora e não dependente da noção de autenticidade. Significando compreendê-lo como algo que se constitui apenas na relação com outras partes (MASSEY, 2004).

A coexistência de sentidos destaca o contínuo processo de constituição em que o bairro está envolvido, aqueles sendo construídos segundo três dimensões convencionais de tempo que negociam, constantemente, umas com as outras: um passado que valida, um presente que atua pelas práticas dos sujeitos e um futuro



que se apresenta como mudança no interior daquele (BALANDIER, 1976).

As narrativas de lugar demonstram a afirmação de Bakhtin (1999) para quem ao falar estamos agindo, perguntando, criando, respondendo, justificando etc. E nisso nos posicionamos em relação a um sistema de linguagem e de enunciações preexistentes. Logo, não criamos sentidos a partir do nada. Construímos cadeias de significação inusitadas nas quais nos posicionamos como sujeitos. No caso das construções acerca do bairro, percebe-se que há relações entre diferentes elementos, considerando que ser morador, estudante ou freqüentador não se refere apenas a situação de quem fala, mas a posição assumida no ato da significação.

Assim, a compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre múltiplas vozes. O que não significa dizer que não exista tendência a hegemonia e que os sentidos possuam igual poder de representar. Afirma-se sim a possibilidade de pessoas transitarem por contextos variados e vivenciar diferentes situações (SPINK, 2004). Em termos espaciais, pode-se dizer que a atribuição de sentidos é fruto de relações de forças estabelecidas entre sentidos estabelecidos por diferentes sujeitos a fim de constituírem suas espacialidades. Pontos de apoio para suas existências, pois fazem uso da polissemia¹¹ inerente as palavras para constituírem seus lugares no bairro.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro é um lugar; e simultaneamente um laboratório de lugares forjado nos discursos que o constituem. Todavia, dependendo do sujeito que fala, os argumentos utilizados para caracterizá-lo e distingui-lo são semelhantes ou contraditórios. A referência não se dá apenas a pessoas com idades diferentes que participaram de diferentes momentos da história local, vivendo experiências distintas. Mas de sujeitos que pensam por diferentes caminhos, dado que participam de distintas construções de sentido; isto é, estão diferentemente situados histórica e culturalmente.

A narrativa de cada sujeito ao falar do Benfica destaca elementos de diferentes situações históricas, mesclando-os e fazendo referência ao que o bairro *foi* e ao que *vem sendo* e ao que ele *é*. Assim, não existe uma separação clara entre a descrição de jovens e idosos,



residentes antigos e novos, freqüentadores habituais e esporádicos. As distinções ocorrem na forma como as cadeias de significação são construídas. Podem-se usar as mesmas palavras para caracterizar o bairro; no entanto o significado em cada uma das estruturas pode levar a interpretações muito diferentes.

As significações não ocorrem sem disputas. Os sentidos convivem, mas estabelecem entre si, logo entre os sujeitos, correlações de forças referentes a quem deve, merece, ou pode definir o lugar no bairro. Em cada situação há um sujeito detentor do poder de fazer prevalecer sobre os demais um sentido aparentemente único.

Algo no nível das aparências, porque, buscando encontra-se o diverso, o diálogo inerente a toda e qualquer atribuição de sentido. Este se mostra como um processo inacabado onde há continuidades, rupturas, emendas e colagens de vários tipos, tendo em vista que as situações não elegem sujeitos específicos e, por isso, também não excluem outros. Demonstrando que o bairro contém múltiplos lugares justapostos, dialogando e competindo entre si, coexistindo na mesma medida em que os sujeitos o co-habitam.

O pensamento para o bairro, então, deve ser múltiplo, onde não haja contradição entre dois pólos opostos, mas diferença ou “*différance*”¹², isto é, um movimento de significação onde cada elemento presente está em relação com outro elemento ausente; onde o presente relaciona-se com o passado e o futuro, onde não há intervalos de separação para cindir o que é do que não é, já que a cisão faz parte da constituição e, portanto, não deve ser pensada como uma linha divisória. Levando todo lugar a conter em si, mais e menos do que é capaz de reconhecer.

Não só porque há outras significações, outros lugares; mas porque existem elementos compartilhados, presentes nos diferentes discursos. Os quais não significam o mesmo, porque os arranjos que os envolvem são distintos e os sentidos são permanentemente concernentes às relações como cada elemento está interligado e em qual medida o é exatamente por interligar-se a outros elementos. Esses arranjos proporcionam a “multiplicidade maravilhosa das diferenças”¹³, de um ser sempre outro sem cópias ou imitações.

VI REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AGIER, Michel. Lugares e redes: as mediações da cultura urbana, In. NIEMEYER, Ana Maria de e GODOI, Emília Pietrafesa de. **Além dos Territórios**: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 41-63.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BALANDIER, Georges. **Antropo-lógicas**. Tradução Osvaldo Elias Xidieh. São Paulo: Cultrix Ed. de Universidade de São Paulo, 1976.

BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 165-193.

CORDEIRO, Graça Índias & COSTA, Antônio Firmino. Bairros: Contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 58-79.

CORREA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas-SP: Papirus Editora, 1994.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Território**, Rio de Janeiro: LAGET-UFRJ, V. 5, n. 9, p. 65-83, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud, Marx – Theatrum Philosophicum**. Porto: Publicações Anagrama, 1980.



_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de Saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. O Sujeito e o Poder. In: Dreyfus, H. e Rabinow, P. **Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Tradução de Vera Porto Velho. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.p. 231-249.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** Petrópolis: Vozes, 1987.

MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000. p. 175-185.

_____. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgrafia** – ano 6, n° 12, 2004. p. 7-23.

OAKES, Timothy. Place and the paradox of modernity. **Annals of the Association of American Geographers.** n. 87 (3): 1997. p. 509-531.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

SERPA, Ângelo. O bairro como discurso: limites e possibilidades. In: SERPA, Ângelo (org.). **Cidade Popular: trama de relações sócio-espaciais.** Salvador: EDUFBA, 2007. p. 25-42.

SPINK, Mary Jane P. e MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** São Paulo: Cortez, 2004. p. 41-61.

TUAN. Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, valores e atitudes do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: DIFEL, 1985. p.143-164.



¹ Capital do estado do Ceará, situada no Nordeste do Brasil.

² O espaço vivido definido por Heidegger será trabalhado por Buttimer e Merleau-Ponty com o corpo cognoscente será discutido por Tuan, pois ainda que este autor não faça referências explícitas, ele sempre trabalha o corpo e a mente como formas de acesso ao mundo.

³ A intersubjetividade é a relação que as pessoas mantêm com o meio ambiente onde vivem, é uma herança sócio-cultural que as pessoas utilizam diariamente para exercer seus papéis no mundo.

⁴ Buttimer (1985, p. 174) considera o lugar “um conjunto contínuo e dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas.”

⁵ Michel Maffesoli (1987) utiliza a expressão “enraizamento dinâmico” para indicar a possibilidade de mudança na identificação por tribos. Ela é utilizada nesse texto por indicar a característica processual das identidades.

⁶ De acordo com Foucault (1985) para a análise do poder na vida social é necessário considerar quatro regras de prudência, apresentadas na ordem que aparecem no texto: 1) imanência do poder, 2) a variação contínua dos discursos, 3) duplo condicionamento e 4) polivalência tática.

⁷ De acordo com principais periódicos que circulam em Fortaleza (Jornal O Povo, Diário do Nordeste e O Estado) as principais manifestações de tradição e cultura presentes no Benfica são: festejos de pré-carnaval, bares, jogos de futebol e confrarias.

⁸ Jornal O Povo, Diário do Nordeste e O Estado.

⁹ No final do século XIX o Benfica era a zona rural de Fortaleza. Atualmente, é parte centro sul da capital cearense.

¹⁰ Gays, lésbicas, transexuais, transgêneros e travestis.

¹¹ Propriedade de uma palavra representar várias idéias diferentes, variando o contexto da fala e o sujeito que a pronuncia.

¹² Derrida (1994) ao estudar a linguagem como sistema de significação, estrutura instável, destaca que o processo de atribuição de significados, ao invés de se dar através da identidade ocorre por meio da diferença ou *différance*, que se refere a característica de todo signo conter em si, ao mesmo tempo, o traço daquilo que ele é e daquilo que não é.

¹³ Para Foucault (1980) pensar a diferença é pensar de forma problemática, isto é, significa ser a favor de um pensamento onde a disjunção seja instrumento e a multiplicidade, ao invés de controlada e vigiada, seja dispersa e nômade. Onde não é possível enumerar possibilidades, apenas pensar os múltiplos caminhos traçados nos processos de reelaborações infinitas.

